

A USP PRECISA PARAR¹

Artur Rozestraten²

Sintusp



Protesto de trabalhadoras e trabalhadores do Hospital Universitário da USP por condições laborais seguras

As universidades precisam assumir e difundir uma posição condizente com as recomendações científicas e os procedimentos sanitários adotados nos locais que enfrentam outros estágios da pandemia. Na contramão do anticientificismo, a postura das universidades deve ser inequívoca e referencial. As universidades públicas têm sim o dever de orientar o país inteiro. O objetivo de proteger e salvar vidas deveria levá-las a suspenderem todas as atividades presenciais para preservar sua comunidade e a sociedade em geral. A continuidade das atividades de pesquisa deve se dar apenas em caráter excepcional e sob todos os cuidados sanitários

As universidades produzem pesquisa científica na longa duração. Os resultados das pesquisas, que podem nos ajudar no enfrentamento dessa pandemia, hoje ou amanhã, começaram a ser produzidos há algum tempo e sofreram o impacto do corte de verbas destinadas à Educação, à Ciência e à Tecnologia no Brasil.

Antes de terem o dever de prosseguir com suas atividades, as universidades têm compromisso com a Ciência, bem como com todos os que anseiam que o conhecimento científico ajude a minimizar injustiças, desigualdades e outras tantas mazelas que afligem especialmente os mais pobres.

Esse compromisso fundamental e o objetivo de proteger e

salvar vidas deveria levar as universidades a suspenderem todas as atividades presenciais para preservar sua comunidade — incluindo os “terceirizados” — e a sociedade em geral.

A continuidade das atividades de pesquisa nas universidades deve se dar como exceção a essa suspensão geral, ou seja, apenas em caráter excepcional, e sob todos os cuidados sanitários.

A USP precisa parar agora para poder continuar com suas atividades assim que for possível.

É certo que há pesquisas em andamento que demandam acompanhamento e cuidados diários que não podem ser interrompidos, nem postergados. Tais pesquisas espe-

cíficas, identificadas e monitoradas por um comitê específico Covid-19, devem ser tratadas como atividades excepcionais, que não se submeterão à suspensão geral.

As atividades nos Hospitais Universitários, diretamente relacionadas à pandemia e à assistência pública médica e odontológica, também não podem ser interrompidas.

A formação de pessoas prosseguirá, certamente, mas na medida do possível, a distância, sem atividades presenciais, o que é perfeitamente razoável em algumas áreas de conhecimento, e difícil, quando não impraticável, em outras.

A suspensão de atividades não significa que as universidades, seus docentes-pesquisadores, seus pós-graduandos, seus estudantes e seus funcionários técnico-administrativos não estarão empenhados diariamente nas campanhas de conscientização da população e nas ações solidárias de apoio e esclarecimento.

Suspender atividades não significa omissão nem alienação frente à pandemia provocada pela Covid-19 e suas inúmeras consequências.

O grande esforço institucional que é preciso fazer diz respeito ao entendimento da excepcionalidade das circunstâncias atuais, que demanda alterações de procedimentos, rotinas, calendários e prazos para preservar pessoas, salvar vidas, para que em momento futuro — próximo, esperamos — possamos voltar aos *campi*, às unidades, às salas de aula.

“É fundamental distinguir quais são as atividades da área da saúde nas universidades que não podem ser interrompidas ou contingenciadas, pois há outras que devem ser suspensas, justamente para preservar a saúde de todos”

Em todas as áreas será imprescindível efetuar adaptações. Os procedimentos presenciais de acompanhamento e cuidado de pesquisas em andamento nos *campi* e o atendimento hospitalar à população devem ser realizados sob outros protocolos especiais de enfrentamento da Covid-19.

Há, portanto, a necessidade de adoção de outras formas de proteção individual, outro tipo de transição entre a vida privada e os laboratórios e hospitais, outros gestos, cuidados e práticas cotidianas. O atendimento hospitalar, por exem-

plo, não se restringe à Covid-19, mas se dá conjuntamente com o cuidado de outras doenças, procedimentos, partos, aplicações de medicações e socorro a acidentes que continuarão a ocorrer e demandam intervenções sem interrupção.

É fundamental, então, distinguir quais são as atividades da área da saúde nas universidades que não podem ser interrompidas ou contingenciadas, pois há outras que devem ser suspensas, justamente para preservar a saúde de todos.

Assim como é importante distinguir quais serviços de apoio aos laboratórios e técnicos, de apoio aos hospitais e funcionários da saúde são imprescindíveis, para que todos os demais serviços possam ser suspensos.

Não há dúvida de que será necessário adaptar a rotina de alimentação nas universidades, para aqueles que prosseguirão trabalhando nessas frentes excepcionais e para os estudantes carentes que habitam tais locais. Cabe, no entanto, refletir se o melhor é que os RUs (Restaurantes Universitários) tenham suas atividades reduzidas ao apoio mínimo indispensável, e nada além, ou se há outras formas mais seguras para garantir a alimentação de tais funcionários e estudantes.

Vale a mesma reflexão para a segurança e a limpeza: a redução ao mínimo indispensável.

É nítido que há um esforço coletivo, enorme, dentro e fora das universidades, para tomar decisões acertadas neste momento e colocá-las em prática de forma responsável. Esse esforço deve ter uma prioridade clara: preservar pessoas e salvar vidas. O que leva a uma revisão da diretriz de que “a USP não vai parar”.

A USP precisa parar para poder continuar.

As universidades precisam assumir e difundir uma posição condizente com as recomendações científicas e os procedimentos sanitários adotados nos locais que enfrentam outros estágios da pandemia. Na contramão do anticientificismo, a postura das universidades, neste momento, deve ser inequívoca e referencial. Afinal, as universidades públicas têm, sim, o dever de orientar o país inteiro. Várias outras instituições de ensino e a sociedade em geral esperam esse referencial para tomarem decisões. Cada dia importa e faz muita diferença. Há urgência. É melhor que essa revisão seja feita ainda hoje.

Nota

1 **Nota do Editor.** Artigo finalizado pelo autor em 21/3 e publicado em 24/3/2020. Consultado pelo editor, o professor Rozestraten preferiu não atualizar o texto, para que ele cumpra um papel de memória daquele período.

2 Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU-USP)